

Rota e Roteiro turístico de Bento Gonçalves-RS: compreendendo a relação entre território e governança

Bento Gonçalves-RS route and tourist itinerary: understanding the relationship between territory and governance

Ruta e itinerario turístico de Bento Gonçalves-RS: entender la relación entre territorio y gobernanza

Pedro de Alcântara Bittencourt César¹

Resumo: O objetivo desta investigação é compreender processos que definem a consolidação de roteiros de Turismo Rural. A investigação aborda questões como formação e evolução do roteiro, gestão do território e governança local. Estudam-se variáveis geográficas de territorialidade relacionando seus aportes determinados por governanças associadas. A pesquisa utiliza-se de observação direta. Nesta, foram realizadas entrevistas com os empreendedores envolvidos e outros moradores do local, além de observadas as apropriações territoriais dos visitantes. Soma-se a isso o uso de fontes bibliográficas e a avaliação de representações cartográficas e paisagísticas dos roteiros Vale dos Vinhedos e Caminhos de Pedra, em Bento Gonçalves-RS. Inicia-se com a análise dos objetivos desses projetos pioneiros de implantação. Conclui-se que houve ampliação de uma visão empresarial nos roteiros Caminhos de Pedra e Vale dos Vinhedos e manteve-se a gestão que consolida com a sinergia típica de roteiros. Tais condições podem ser apontadas em termo de Governança.

Palavras-chave: Turismo rural, Desenvolvimento turístico, Vale dos Vinhedos, Caminhos de Pedra, Bento Gonçalves, RS – Brasil.

Abstract: The objective of this investigation is to understand the processes that define the consolidation of Rural Tourism routes. The investigation addresses issues such as formation and evolution of the roadmap, territory management and local governance. Geographic territoriality variables are studied, listing their contributions determined by associated governments. The research uses direct observation. In this, interviews were carried out with the entrepreneurs involved and other local residents, in addition to observing the territorial appropriations of the visitors. Added to this is the use of biographical sources and the evaluation of cartographic and landscape representations in the itineraries Vale dos Vinhedos and Caminhos de Pedra, in Bento Gonçalves-RS. It begins with an analysis of the objectives of these pioneering implementation projects. It concludes that there was an expansion of a business vision in the Caminhos de Pedra and Vale dos Vinhedos routes, and the management maintained that consolidates with the typical synergy of routes. Such conditions can be pointed out in terms of Governance.

Keywords: Rural tourism, Tourism development, Vale dos Vinhedos, Caminhos de Pedra, Bento Gonçalves, RS - Brazil.

Resumen: El objetivo de la investigación es comprender los procesos que definen la consolidación de los itinerarios de Turismo Rural. La investigación aborda temas como formación y evolución de los itinerarios, gestión del territorio y gobernanza local. Se estudian las variables geográficas de territorialidad, relacionando sus aportes determinados por gobernanzas asociadas. La investigación utiliza la observación directa. En esta, se realizaron entrevistas con los empresarios involucrados y otros vecinos del lugar, además de observar las apropiaciones territoriales de los visitantes. A esto se suma el uso de fuentes biográficas y la evaluación de representaciones cartográficas y paisajísticas de los itinerarios Vale dos Vinhedos y Caminhos de Pedra, en Bento Gonçalves-RS. Comienza con un análisis de los objetivos de estos proyectos pioneros en implementación. Se concluye que hubo una ampliación de la visión empresarial en las rutas Caminhos de Pedra y Vale dos Vinhedos y se mantuvo la gestión

¹ Universidade de Caxias do Sul, E-mail: bittencourt_tur@yahoo.com.br

que mantenía con la sinergia típica de los itinerarios turísticos. Estas condiciones se pueden señalar en términos de gobernanza.

Palabras clave: Turismo rural, Desarrollo turístico, Vale dos Vinhedos, Caminhos de Pedra, Bento Gonçalves, RS - Brasil.

1 Introdução – Roteiros

A pesquisa no turismo tem certo valor efêmero quanto a sua construção temporal. No Brasil esta afirmativa se sustenta em duas questões: não se tem solidamente uma área de conhecimento científica com financiamento prioritário, e as poucas décadas de pesquisa no país. Os estudos raramente apresentam um entendimento sustentado em um percurso temporal do objeto de análise.

Neste estudo, resgatam-se pesquisas realizadas na década de 2000 acerca de roteiros turísticos em áreas rurais (BRAMBATTI, 2006; SILVA, 2005; FOLETTTO; THOMÉ-ORTIZ; SANTOS, GONZÁLEZ, 2018) e contrasta-se a condição que alguns desses se encontram após décadas. Dessa maneira, levantam-se as condições atuais e o processo de formação dos respectivos atrativos e equipamentos turísticos ofertados. Busca-se na pesquisa abordar, na medida do possível, os mesmos atores identificados em décadas anteriores. Espera-se reconhecer os objetivos definidos nesse roteiro e os elementos intrínsecos para a permanência de um produto turístico (roteiro de turismo rural) ao longo dos anos.

Sabe-se que desde meados da década de 1980, o turismo no espaço rural no Brasil tem se afirmado no mercado como segmento do turismo. Seu foco, de acordo com as Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo rural no Brasil – Ministério do Turismo, Secretaria de Políticas Públicas de Turismo (BRASIL, 2005) está na capacidade de “diversificar a oferta turística, aumentar os postos de trabalho e da renda no meio rural, valorizar a pluralidade e as diferenças regionais, consolidar produtos turísticos de qualidade e interiorizar a atividade turística” (BRASIL, 2005, p. 3). A literatura aponta como pioneira essa atividade em espaço rural de Santa Catarina (NOVAES, 1994), com destaque às iniciativas de Lages na década de 1980 (SALLES, 2006). A iniciativa depois se estende no Rio Grande do Sul, assim como em outras unidades federativas do Brasil, na década de 1990 (TULIK, 2002). Esse, muitas vezes, organizado em roteiros como é o caso da Região Uva e Vinho na Serra Gaúcha, (CÉSAR, 2016).

Justifica-se essa distribuição territorial ao observar que, muitas vezes em diversos países, o turismo rural com apelo na vitivinícola se funda em roteiros e não em empreendimentos isolados, como pode ser observado a seguir:

Desde 1920, os percursos vinícolas fazem parte da atividade turística. Na Alemanha, no final da década de 1970, praticamente todas as regiões com cultivo de uvas possuíam rotas de vinhos. Na França, a região da Alsácia contava com roteiros em vinhedos por volta de 1930, além da Champagne e da Borgogna. Mais recentemente, países do Leste Europeu, como a Hungria, passaram a estabelecer roteiros de vinhos objetivando atrair turistas do Oeste Europeu. Com a crescente comercialização dos vinhos do Novo Mundo no mercado mundial, foram surgindo novas rotas enoturísticas em muitos países, como Estados Unidos, Austrália, África do Sul, Argentina, Chile e Brasil. (LAVANDISKI; TONINI; BARRETTO, 2012, p. 221).

Reforça-se ainda esta ideia:

Nos diferentes países produtores de vinhos, o desenvolvimento do enoturismo baseia-se na criação de rotas ou estradas oficiais de vinhos, além da existência de associações responsáveis por estratégias integradas de promoção, comercialização e planejamento. Uma rota de vinhos – ou enoturística - consiste em um itinerário através de regiões vitivinícolas tematicamente sinalizadas e apresentadas em forma de mapa, identificando os diferentes vinhedos e vinícolas e fornecendo informações históricas e de interesses diversos. Além disso, são listadas as atividades que podem ser realizadas na rota, os demais atrativos da região, os meios de hospedagem, restaurantes, as casas de artesanato, entre outros (LAVANDISKI; TONINI; BARRETTO, 2012, p. 221).

Torna-se, assim, importante o estudo do enoturismo, não somente por entendimento das unidades produtoras (as vinícolas), mas dos conjuntos que determinam roteiros, como os inseridos neste estudo. Faz-se um recorte em Bento Gonçalves, município da turística região da Serra Gaúcha. Esta localidade tem um destacado reconhecimento no turismo nacional ao ser apontada, na década de 2000, como um dos destinos indutores do turismo nacional pelo Ministério do Turismo (TOMAZZONI; POSSAMAI; LOVATEL, 2010). Claramente sua oferta turística tem como pilar a visitação em Roteiros Turísticos Rurais com apelo na produção de uvas e vinhos.

Parte-se a pesquisa do pressuposto que a existência de roteiros com mais de duas décadas define a oferta de produtos turísticos exitosos. Desta maneira, determina-se como problema de pesquisa a seguinte questão norteadora: Quais os elementos fundamentais que podem ser identificados como exitosos para a permanência dos roteiros analisados?

Tem-se assim como objetivo levantar sua formação genético-histórica e territorial e compreender quais são seus principais estatutos e diferenciações que caracterizam a continuidade destes roteiros por décadas. Justifica-se ao constatar as questões basilares: poucos roteiros têm esta longevidade; esses têm sido estudados por diversos pesquisadores; a Região se cerca de inúmeros outros roteiros e muitos com pouquíssimo sucesso quanto ao aspecto temporal. Pensa-se que o aspecto de longevidade favorece inclusive ações de inclusão social.

2 Indicadores de Avaliação

Há mais de século a teoria de desenvolvimento regional tem buscado dar explicações acerca de sucessos, ou não, de locais produtivos. Neste longo percurso, estudam-se principalmente áreas em instalações industriais e formações de centros de decisões políticas, financeiras e administrativas, como por exemplo, ao definir conceitos como de Cidade Global (SASSEN, 2000; CASTELLS, 2005). Em comum nessas teorias, o reconhecimento do diálogo entre a formação de áreas produtivas e as bases territoriais.

Determinados no meio do século XX como Ciências Regionais, esses estudos, muitas vezes em campos epistemológicos distintos, como a Geografia e a Sociologia, têm alguns pontos basilares (DINIZ, 2002). Eles direcionam ao reconhecimento de regiões avançadas ou reprimidas. Sua análise adota extensões territoriais nas mais diversas escalas, mas que normalmente tem buscado definir estatutos necessários em categorias geográficas para o reconhecimento de suas transformações (JONG, 2009; COSTA; COSTA; MONTER-MOR, 2015). Dá-se destaque à região e ao território produtivos.

Sabe-se que ao abordar o avanço ou a retração não se tem uma caracterização específica de valoração. Um avanço pode estar associado a uma condição específica em detrimento de outra, como visto entre arrecadação ou mesmo mão-de-obra entre inúmeros aspectos que podem ter qualificações positivas ou negativas por sua construção subjetiva. Dessa maneira, dificilmente este entendimento não se associa direta ou indiretamente a questões econômicas. O sucesso do turismo quase sempre se mensura pela dimensão de variáveis econômicas para uma determinada área. Assim, ao usar esta dimensão, mas envolvendo categorias espaciais, pode ser utilizada a pesquisas de Christaller para o turismo (1964) como ponto de partida para outras teorias e

pesquisa. Pode-se também destacar as teorias de Boullón (1997) ou de Miossec (1977), acerca de localidade turística, assim como a aproximação que se tem dado entre arranjos produtivos e clusters (PETROCCHI, 2001; BENI, 2007). Todas elas, com justificativa encontrada em apropriações territoriais, analisa-se a quantidade e a constância de empreendimentos (unidades produtivas) como fato exitoso.

Reforça-se que os roteiros muitas vezes, e principalmente em área rurais, determinam-se como produtos e localidades definidos quando avaliados nas teorias espaciais. São lógicas territoriais que podem ser apontadas pelos quatro elementos formadores de Boullón (1997), a saber: Atrativo, Infraestrutura, Superestrutura e Equipamentos turísticos, como pode ser feito na compreensão da percepção do território definida por Miossec (1977).

Desta maneira, foram utilizados como modelos de avaliação os indicadores apontados por Jean-Marie Miossec (1977) referente ao espaço turístico. Dá-se destaque ao entendimento deste com relação ao território turístico e as suas conectividades. Reforça-se também outras abordagens teóricas desse pesquisador francês quando ressalta o espaço rural para recreação e o turismo. Nelas, associa-se o deslocamento aos custos e aos tempos, formando cinturões turísticos. Panorama muito próximo ao que ocorre com o desenvolvimento do turismo nos espaços periféricos das cidades de Caxias do Sul e Bento Gonçalves. Nessas especificidades que Miossec (1977) denomina de ‘primeiro cinturão’, os lugares vizinhos são visitados para turismo e excursionismo. Define-se nele a sustentação imediata para a viabilidade dos empreendimentos.

Nesse modelo, competem as variáveis de estada (permanência) e de movimento (fluxo). O espaço turístico é utilizado tanto como espaço de lazer das cidades próximas, que caracteriza o movimento, quanto para turistas provenientes de centros emissores mais distantes, exigindo estada local. O ritmo do desenvolvimento de um destino turístico, segundo Miossec (1977), depende da capacidade das organizações de turismo e dos responsáveis pelos destinos em converter ou reconverter o uso do espaço, promovendo ‘rupturas qualitativas’.

Estas rupturas qualitativas podem ser consideradas como saltos que promovem a passagem de uma fase para outra, ou a causa do aumento do fluxo de turistas, como as responsáveis pela evolução dos destinos turísticos, em outros patamares de oferta. Com base na análise deste modelo consolidado por Miossec (1977), torna-se possível compreender um modelo de avaliação que observa as rupturas qualitativas como fases no desenvolvimento, no crescimento

do fluxo e de atrativos locais contrastando com as suas gestões. Nela, a abordagem territorial refere-se às características do local em que ocorre o fenômeno do turismo nos roteiros estudados. Importante lembrar a afirmativa de César (2011, p. 40) que “o território está, semanticamente, associado a classes sociais, e a sua forma de apropriação, domínio e poder, ou como as aspirações e o caráter de um povo ainda o são em função das heranças históricas”. Os territórios dos roteiros turísticos passam a ser objeto de normatizações e legislação específicas, por serem considerados como áreas de interesse turístico no plano diretor municipal (BENTO GONÇALVES, 2018), ou mesmo por formulações próprias de proteção e tutela territorial (POSENATO, 1998).

Se tem um espaço hospitaleiro. Local com características de acolhimento rural e comunitário e que se reelabora com o que o prof. Camargo atribui como “hospitalidade ensaiada” (BRUSADIN, 2016). Sustenta-se neste contexto que como fenômeno, a hospitalidade tem sua conotação nas dimensões domésticas, comerciais e públicas (CAMARGO, 2003), Supera-se assim as condições de uma sociedade tradicional para um envolvimento agora comercial.

Aquilo que era um espaço produzido pela sucessão histórica (CÉSAR, 2011) torna-se um espaço de uso racional, tanto para os remanescentes do período de colônia migratória, que os convertem em espaços de produção industrial, agroindústria vinícola, quanto por investidores externos, interessados na agregação de valor que ocorre sobre as terras e a existência de roteiros turísticos. Importante valor social nele está na agregação de uma prática de acolhimento que pode ser compreendida como de hospitalidade onde se faz “uma interação humana em que acontece uma troca entre alguém que recebe (anfitrião) e alguém que é recebido (hóspede)” (SULIS; GUIMENES-MINASSE, 2020, p. 255), no caso o visitante do roteiro. Determina-se o que Miossec (1977) aponta como a elaboração de novas maneiras de turismo, com novos valores recreativos. Assim, dinamiza-se o território por sua composição e transformação das estruturas físicas e sociais.

Espera-se assim, com tais lentes epistemológicas, compreender o território turístico. Perspectiva que se sustenta em fundamentos das Ciências Regionais para o entendimento das possibilidades e da reprodução do seu território.

3 Procedimentos metodológicos

Na abordagem territorial, adota-se, embora não por toda exaustão, valores definidos por Lefebvre (1975) com o método de estudo do espaço, denominado de ‘Histórico-genético’. Nele:

Estudio de las modificaciones aportadas a la estructura en cuestión, una vez fechada, por el desarrollo ulterior (interno o externo) y por su subordinación a estructuras de conjunto. Intento de una clasificación genética de las formaciones y estructuras, en el marco del proceso de conjunto. Intento, por tanto, de regresar a lo actual precedentemente descrito, para reencontrar lo presente, pero elucidado y comprendido: explicado. (LEFEBVRE, 1975, p. 71)

A investigação reconhece os Roteiros Turísticos como objetos de análise físico-territorial. Deles, faz-se um exercício de escalas entre os roteiros e sua complexidade maior, definido alguns aspectos de suas totalidades. Desta maneira, analisou-se a evolução de dois roteiros rurais da Região Uva e Vinho, Rio Grande do Sul, Brasil, no período entre sua constituição e o ano de realização da pesquisa, 2019/2020. Tem-se nestes roteiros mais de duas décadas de atividades. Os dados quantitativos forneceram informações de crescimento ou declínio dos roteiros, indicadores de fluxo de visitantes, número de equipamentos de serviços ou atrativos, dados cartográficos, enquanto a pesquisa qualitativa complementa os dados nos aspectos socioeconômicos espaciais (SOUZA, 2013; SPOSITO, 2004; HARVEY, 2009).

Foram utilizadas fontes documentais, primárias e secundárias. Os dados foram obtidos com os órgãos de urbanismo e planejamento da prefeitura de Bento Gonçalves, com a avaliação e a observação direta dos territórios dos roteiros e diretamente com atores sociais (empresários), e com as associações de governança dos roteiros. A sua escolha recai nas condições: os roteiros selecionados apresentam a mesma tipologia classificatória de roteiros turísticos no espaço rural; estão a distâncias entre 5 e 20 km dos centros urbanos. Suas características geográficas e econômicas contemplam as iniciativas vinculadas ao objeto investigado. A escolha destes roteiros deu-se pelas características comuns, definidas: por pertencerem a uma mesma região turística (Uva e Vinho), os quais não foram elaborados por ações espontâneas, mas dirigidos com a presença de governanças definidas, formal e informalmente.

Soma-se o fato de ambos distribuírem-se dentro de um mesmo município (Bento Gonçalves), embora um dele (Vale dos Vinhedos) se sustenta por uma base territorial que extrapola o município. Ambos pertencem a um histórico comum de áreas de colonização por

lotes de minifúndios em agricultura familiar, de imigrantes predominantemente italianos, com cultura vitivinícola marcante, e de roteiros rurais situados em área periurbanas. Todos os roteiros possuem mais de 20 anos e foram anteriormente estudados por outros autores, adotando critérios adequados para esta pesquisa.

Para a realização da pesquisa qualitativa utilizou-se como instrumento a entrevista semiestruturada aplicada aos proprietários de equipamentos e de serviços turísticos nos roteiros, e também a atores que tiveram participação na governança. Incorporam-se outras entrevistas utilizadas, por finalidades paralelas a esta pesquisa, e desenvolvidas no Grupo do CNPq Núcleo de Estudos Urbanos da Universidade de Caxias do Sul. Assim, nos roteiros, foram abordados empresários, agricultores familiares e gestores de governanças (público e privados) envolvidas com o turismo do município e da região e que tenham envolvimento com os roteiros pesquisados. Foram também levantadas informações em sites de promoção e gestão do turismo. Entretanto, dá-se ênfase mais como instrumento comprobatório das informações, incorporando justificativas baseadas nas transformações paisagísticas e territoriais. Estas justificadas por levantamentos fotográficos e cartográficos realizados pelas mesmas fontes anteriores.

4 Roteiros e sua formação em Bento Gonçalves

Embora na literatura acadêmica nacional pouca ou nenhuma diferenciação se faz das categorias de análise Rota e Roteiro no Brasil, pode-se encontrar tal diferenciação. Essa situação diferenciadora aponta o Ministério do Turismo do país em material oficial elaborado pelo órgão, que assim qualifica:

Rota Turística: Percurso continuado e delimitado cuja identidade é reforçada ou atribuída pela utilização turística. Uma rota contemplar vários roteiros e perpassar várias regiões. Isto é, o turismo utiliza a História como atrativo para fins de promoção e comercialização turística. Eis alguns exemplos: Estrada Real, Rota Tropeira, etc., onde o turista percorre o mesmo caminho percorrido por alguns personagens de uma determinada época.

Roteiro Turístico: Itinerário caracterizado por um ou elementos que lhe conferem identidade. É definido e estruturado para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística. Um roteiro pode perpassar uma ou várias regiões, assim como uma ou várias rotas – sendo eminentemente temático (BRASIL, 2007, p. 29).

Uma rara pesquisa desdobra-se no entendimento acerca desta questão apresentada pelo pelos órgãos do turismo do Governo Federal. Desta maneira, atribui aos pesquisadores Gonçalves e Ribeiro (2016) concluir acerca da inexistência de um entendimento claro desta diferenciação. Entretanto, em um aprofundamento da leitura pode ser pontuado dois princípios basilares de diferenciação. Uma avaliação comparativa e de distinção entre Roteiro Turístico e Rota Turística, destaca nesta última um foco no empreendedor e, no Roteiro, no Produto turístico, tendo como agente o turista - termos usados pelo Mtur (BRASIL, 2007). Desta maneira, pode-se pensar a Rota como um produto de Governança, e o Roteiro como o percurso apropriado pelo turista.

Porém, deve-se lembrar que no caso específico deste estudo, esses se sobrepõem. Qualifica-se somente um objeto, o que deixa muitas vezes definidos como sinônimo. Reforça-se a existência conjunta de governança e de um trajeto turístico definido. Nesta condição, serão avaliados respectivamente Rotas e Roteiros. Embora não se pretenda aprofundar esta questão, mas somente utilizar estes como pressupostos conceituais.

Para iniciar um entendimento específico do contexto regional é importante lembrar que Caxias do Sul, desde o início do século XIX, detém um forte destaque com o turismo da Serra Gaúcha, ou da Região Turística Uva e Vinho (utilizando denominação do MTur). Condição reforçada principalmente por dois aspectos: abrigar a principal festa de apelo turístico da Serra Gaúcha, a Festa da Uva; e ser o principal centro político, administrativo e econômico do nordeste do estado (CÉSAR; MARCOLIN, 2017). Embora próximos e dentro de um mesmo contexto geográfico, Bento Gonçalves sempre teve sua força regional e uma oferta de receptividade própria.

Nesta condição, no ano de 1929 existiam em Bento Gonçalves “7 hotéis na Vila [ou seja na área central] e um total de 15 no Município” (FÁVERO, 2011, p. 46). Desde este período observam-se incentivos fiscais do governo para as atividades econômicas da localidade. Nota-se também que a vinícola Dreher S. A. “na década de 1950, já possuía um departamento com a finalidade de bem atender aos turistas que o visitavam, buscando conhecer o processo de elaboração dos vinhos e outros derivados da uva” (FÁVERO, 2011, p. 49).

Na década seguinte, a região do Vale dos Vinhedos recebe turistas para conhecer a produção vitivinícola. Dá-se este pioneirismo local à família Tumeleiro. Entretanto, “A vinícola Casa Valduga é considerada a pioneira no enoturismo” (FÁVERO, 2011, p. 50). Esta

inicialmente oferece atividades de lazer e gastronomia aos funcionários do Banco do Brasil que vinham para o município em treinamento corporativo. Nesse empreendimento, inicialmente ofereciam-se jantares animados com músicas da migração italiana entre as áreas de produção vinícola. “No ano de 1979 foram inaugurados o restaurante e a pousada” (FÁVERO, 2011, p. 51).

Posteriormente a Vinícola Miolo, também nesta micro-região do município, cria a Hostelaria Mamma Miolo. “No início dos anos 2000, [...] [surgem] Cordelier e Don Laurindo e posteriormente Cave de Pedra, Pizzato, Cavalleri, Reserva da Cantina, Lídio Carraro, Vallonano e Villagio Larentis” (FÁVERO, 2011, p. 53). Todas reforçam a oferta de turismo rural na região do Vale dos Vinhedos.

Outro fato importante na consolidação do turismo nesta localidade foi a realização da Festa Nacional do Vinho (Fenavinho) no ano de 1967. Esse evento reforça o município como centralidade no cultivo de uva e vinho do país. No mesmo ano, funda-se o Hotel Vinocap. Associado a este empreendedor hoteleiro, inicia por volta de 1992 o Caminhos de Pedra “após o restauro e adaptação da Casa Merlo, Casa Bertarello, Feraria Ferri e Cantina” Strapazzon (TALAMINI, 2014, p. 62).

Em 2005, a Secretaria de Turismo de Bento Gonçalves “por solicitação da Atuaserra e com o apoio da Coordenação do Curso de Turismo da Universidade de Caxias d Sul” elabora o primeiro plano turístico do município (FÁVERO, 2011, p.46). Entretanto, nota-se a existência de uma demanda turística que justificava uma rede hoteleira implantada desde o início do século passado.

5 Roteiro Caminhos de Pedra

Na formação das colônias de migração e sua consolidação urbana, o assentamento da Linha Palmeiro destaca-se como principal conexão entre Caxias (atual Caxias do Sul) a Dona Isabel (atual Bento Gonçalves). Entretanto, com a efetiva construção rodoviária, e não mais por vias vicinais, esse local tem suas atividades comerciais reduzidas e seus casarios ficam em um estado caracterizado por uma conservação forçosa pela baixa dinâmica econômica. Assim, o arquiteto Júlio Posenato realiza inventário arquitetônico do Rio Grande do Sul (POSENATO,

1983) e identifica uma possibilidade de refuncionalização (POSENATO, 1997, 1998). Ideia abraçada pelo hoteleiro Tarcisio Michelin (SILVA, 2005).

O primeiro interesse desse empresário era no aumento do tempo de estada dos seus hóspedes. Assim, associa-se a oportunidade de os moradores do roteiro agregarem uma atividade e uma nova renda. Surge a transformação desta linha colonial no Roteiro Turístico Caminhos de Pedra. Para o chamamento inicial, foi dada ênfase a pessoas ligadas a artesanato, à produção de uva e vinho, e a atividades gastronômicas a aderirem ao projeto. O projeto previa a refuncionalização de 84 residências, dando uma inserção como ponto de visitação. Essa proposta inicial de Posenato (1998) sofre algumas mudanças para adequar a questões específicas do local. O projeto sempre esteve ligado à qualificação profissional, distribuição de renda e à valorização cultural do local com apelo na identidade de migração italiana. Seus integrantes eram na sua essência agricultores familiares, muitas vezes com alguns negócios informais, que são direta ou indiretamente qualificados pelo projeto como novos empresários dos setores. Assim, o turismo é apresentado como uma lógica econômica.

Observa-se que um ponto dado como inicial, inclui uma placa comemorativa do empreendimento Casa Strapazzon. Nela, marca-se a vinda, em abril de 1992, do primeiro grupo de turistas da empresa emissiva CVC-Turismo e Viagem. No ano seguinte, o roteiro atende a 9.400 visitantes (SILVA, 2005). Concomitante cria-se, para dar suporte de gestão, a Associação Caminhos de Pedra, entidade gestora do roteiro, que entre suas ações também previa a captação de recursos externos (normalmente a fundo perdido) para o restauro ou para simples adaptações do casario do percurso. O reconhecimento do Governo do Estado como Patrimônio Histórico do Rio Grande do Sul (Lei Estadual N. 13.177, de 2009) colabora para tal empreitada. Surge alguma dezena de empreendimentos como atrativos e equipamentos de apoio aos visitantes.

Nota-se que, inicialmente, ou seja, em 1993, o projeto contava com seis estabelecimentos entre opções gastronômicas e loja de produto típico turístico (SILVA, 2005). Após aproximadamente dez anos, estende-se para 11 unidades, e no início de 2020 contava com 23 opções de visitação com uma ampla diversidade entre lazer e consumo diverso, mas com ênfase na questão gastronômica. Atualmente, falam empreendedores de uma visitação na ordem de uma centena, antes do período da pandemia.

Quanto à gestão do território, o local tem alguns pontos específicos. Observa-se que a principal característica não são as amplas visões de *sky-line*, como comum em áreas de visitação vinícola, mas a dinâmica de visitação à micro propriedade rural, característica da Serra Gaúcha. Uma maior ameaça associa-se à área encontrar-se na borda da área urbana de Bento Gonçalves, e a poucos quilômetros da área central da cidade. A existência de uma área de captação de recursos hídricos inibe legalmente uma maior aproximação e adensamento, entretanto prevê-se a instalação de uma unidade prisional nos arredores. Outra questão que pode ser vista como ameaça ou fragilidade, refere-se ao adensamento dos próprios moradores em seus lotes rurais.

Atualmente, existe uma demanda para a extensão territorial do percurso. Surge assim a proposta de continuidade do roteiro, ampliando até o Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio. Este é o principal ponto de peregrinação católica na Serra Gaúcha, com a visitação de algumas centenas de milhares de romeiros. Importante lembrar que toda esta área compunha a antiga linha Palmeiro, quando era uma via de ligação à Colônia Caxias (atual Caxias do Sul). Hoje esta área religiosa, e a extensão proposta localizada no município de Farroupilha -RS, não tem uma continuidade natural e de governança. Porém, a continuidade paisagística e fundiária é marcante

6 Pressuposto do roteiro Vale dos Vinhedos

A denominação Vale dos Vinhedos surge como um nome por apelo comercial referente à somatória de 11 comunidades, com destaque para a Linha Garibaldina, Linha 8 da Graciema e Linha Zenith. Posteriormente, para a definição da Associação criada, e mesmo para a definição de Indicações Geográficas do território para o turismo, esta microrregião tem sua extensão estendida de Bento Gonçalves para os municípios limítrofes de Garibaldi e Monte Belo do Sul.

Antiga via de ligação em Bento Gonçalves de acesso da Serra Gaúcha ao porto de Santa Tereza (antigo bairro deste município). Sua condição geográfica favoreceu a construção deste porto fluvial no Rio das Antas para o escoamento da produção vinícola para Porto Alegre. Entretanto, esta área sempre esteve associada à produção de Uva, principalmente para atender às demandas das cooperativas vinícolas da região. Essa área posteriormente torna-se opção de lazer, tanto de famílias que deixaram anteriormente o local, como de empresas que constroem clubes para funcionários.

Configuração que começa a se alterar com a crise do vinho da década de 1990. Nesse momento, o vinho nacional perdeu espaço para os vinhos estrangeiros, o que forçou alguns produtores vitícolas a compreender a necessidade de agregar valor à sua produção. Inclusive, é interessante observar como estes empreendedores de vinhos atuais gostam de valorizar o seu percurso histórico familiar, onde gerações anteriores de vendedores de uva se transformam, no momento atual, em produtores de vinhos finos. Assim, uma parcela destas famílias altera o seu perfil produtivo.

De acordo com os produtores, na década de 1990, o evento de Bento Gonçalves Fenavinho (Feira Nacional do Vinho) encontrava-se consolidado como um dos maiores eventos de vinho do país, o que reforça a vinda de parte destes visitantes para conhecer o Vale. Outra oportunidade foi aproveitar uma visita que ocorria na vinícola Maison Forestier, que fechava as atividades no país e tinha um processo de visita. Assim, os produtores deste local buscam direcionar para essa área esta demanda. Soma-se ainda um fluxo de turistas que vinham para Bento Gonçalves para treinamento corporativo, e a eles a oportunidade de oferecer almoços e atividades de lazer. Nesta última iniciativa, destaca-se a vinícola Valduga como precursora. Entretanto, reforçam os atores envolvidos que o primeiro apelo de visita estava associado à gastronomia e não ao vinho.

Alguns dos produtores dessa região têm certo pioneirismo na introdução de vinhos de uvas finas (varietais) no país. Justifica-se o projeto inicial da formação do roteiro turístico, datado de 1995, em ter a adesão somente de vinícolas com este compromisso. Inicia-se a proposta com nove empreendimentos. Quanto a este processo de adesão ao projeto, e conseqüentemente à associação criada como agente de governança observa-se que após 10 anos contavam com 32 empreendedores entre vinícolas, restaurantes, café e queijaria e meios de hospedagem.

Atualmente, ou seja, no início da década de 20, conta com mais de 40 associados e somam-se, além das funções anteriores, profissional de eventos, com a disponibilidade de locais. Marcante também foi a definição como território de Indicação Geográfica de alguns tipos de vinhos produzidos na região, fato iniciado em 2001 (FALCADE, 2005). Soma-se a uma configuração territorial marcante, a construção de dois hotéis de porte médio-grande ainda nesta primeira década: Spa do Vinho e Villa Michellon.

Contrapõem no local duas instituições atuantes com governanças distintas. A Associação dos Produtores de Vinho Finos do Vale dos Vinhedos – Aprovale (2006), citada anteriormente, que tem como foco a produção dos vinhos finos e a consolidação turística no local. A esta contrapõe, embora não observada área de conflito, somente de interesse diversos, a Associação Comunitária do Vale dos Vinhedos, que tem um interesse maior na qualidade de vida de seus moradores. Seus dirigentes criticam não haver uma relação de cooperação com o Poder Municipal, principalmente nas atividades relacionadas à recepção de visitantes. Facilmente encontram-se depoimentos que o poder público mais atrapalha do que colabora. Reclama-se que muitos ônus de infraestrutura deveriam ser custeados pela iniciativa pública, como custeio de comunicação, informação, sinalização e segurança, por exemplo.

Atualmente, uma hiper valorização imobiliária fundiária cria muitas dúvidas na região quanto aos usos territoriais futuros do local (CÉSAR, 2019). Entretanto, algumas iniciativas têm sido tomadas pelo Governo Municipal de Bento Gonçalves para reprimir a descaracterização paisagística, como referente ao corte de parreirais. Porém, duas questões se destacam: a não elaboração de um projeto conjunto entre os municípios envolvidos, e a já presença de condomínios residências de luxo. Reforça-se esta questão com depoimento que indica a presença, no ano de 2019, de mais de meio milhão de visitantes. Entretanto, dados diversos caracterizam o local e indicam que estes são fundamentalmente visitantes de Gramado e região das Hortênsias que têm uma extensão da oferta para o Vale dos Vinhedos (SEBRAE-RS, 2019).

7 Caracterização dos Roteiros analisados

Importante avaliar que esta pesquisa não estava direcionada aos critérios de mensuração de visitantes dos roteiros. Sabe-se que estrategicamente alguns pontos fazem a verificação diária dos números de pessoas que entram em seus estabelecimentos. Porém, todos os indicadores quantitativos indicam um aumento destes números, da década de 1990 até o final da década de 2010. Importante fazer uma nota que em virtude da pandemia e da situação atípica o ano de 2020 foi desconsiderado.

No Roteiro Caminhos de Pedra observa-se que os turistas ficam distribuídos em todos os equipamentos/atrativos, embora em algumas cantinas há uma maior concentração no período de almoço, como por exemplo a Casa Nona Julia.

No Vale dos Vinhedos há uma concentração em duas vinícolas. Elas destacam-se como de maiores capacidades de acolhimento nas atividades associadas. São também as mais antigas no direcionamento destes locais para o turismo. Uma concentra o público em um grande empreendimento (Vinícola Miolo), e a outra diversifica em várias opções desde a tradicional visitação à área de produção vinícola, como os restaurantes, meio de hospedagem, entre outras opções de contemplação e consumo (Vinícola Valduga).

O Vale dos Vinhedos tem tido um maior aumento do número de empreendimentos envolvidos com o turismo e, conseqüentemente, o número de visitante tem aumento exponencial. Embora a proposta não tenha nascido por uma lógica com destaque ao associativismo, mas sim ao empreendedorismo.

Não avaliando a questão de participação de terceiro nas empresas, mas quanto ao poder administrativo decisório, pode-se observar que os empreendimentos são empresas familiares. A estas pode-se pensar desde a propriedade familiar tradicional até as empresas de gestão empresarial e hoje de capital aberto. Algumas eram empresas agrícolas que, ao longo do tempo, incorporaram a produção industrial (vinícola) ou de serviço (gastronômico) com a formalização empresarial. Todas têm o envolvimento de familiares, que formam parte ou toda a mão de obra, e estão no comando das decisões administrativas gerenciais e econômicas. Pontualmente, encontram-se algumas empresas, como do Hotel Spa do Vinho, que são de empreendedores de outras localidades. Embora mantendo alguns graus de parcerias pontuais, como foi notado na produção de seus vinhos.

Nos dois roteiros ainda persiste o agricultor às margens do processo. Estes muitas vezes deslumbram de duas possibilidades: a adesão na atividade turística ou a possibilidade de venda da propriedade por um preço competitivo. Esta segunda situação principalmente no Vale dos Vinhedos, onde a valorização fundiária é mais acentuada com a vinda de incorporadoras imobiliárias e a formação de condomínios.

O projeto do Vale dos Vinhedos inicia com a criação da Aprovale em 1995 (FOLETTTO; THOMÉ-ORTIZ; SANTOS; GONZÁLEZ, 2018). Ela tem como primeiro presidente Juarez

Valduga, que desde o primeiro momento se preocupa com a criação de pontos turísticos e com a abertura do varejo e da gastronomia do local. Reforça o dirigente a importância da criação de uma sinergia na visitação. Dizia assim: “importante reforçar para visitar o vizinho também, isso nos definia como roteiro”.

Soma-se na década de 1990 uma necessidade do mercado nacional em dar uma resposta na produção dos vinhos finos. Com a abertura do mercado ao vinho importado, o vinho colonial foi perdendo valor de mercado. Neste cenário, alguns viticultores saíram de suas zonas de conforto, agregando novos valores à sua produção, o que acentua com: novas castas de uvas, e a venda com a criação de varejo na propriedade (o que associa a formação da atividade turística). As famílias, muitas até então fornecedoras de uva para cooperativas, iniciam a comercialização de vinhos com suas próprias marcas. Hoje, principalmente, no roteiro Caminhos de Pedra, produtores vendem toda a produção no varejo da propriedade, direcionado essencialmente para o turismo, como por exemplo, relatam os proprietários da Cantina Strapazzon.

Entretanto, principalmente nos Caminhos de Pedra, nota-se um apelo ao princípio de associativismo ou mesmo cooperativista, por uma lógica mais comunitária dos seus empreendedores. Alguns recorrem a estes valores para reforçar os laços que devem unir a ideia do Roteiro e mesmo temem o seu distanciamento com uma nova dimensão de lucros.

Observa-se que, por diversos aspectos, os Roteiros analisados em Bento Gonçalves alcançaram o sucesso desejado. Suas políticas se diferem quanto ao turismo e isso refletiu na organização e desenvolvimento dos roteiros rurais. Notou-se também que os dois locais prosperaram enquanto roteiros turísticos, associados a uma maior participação do empreendedorismo privado, do tipo empresarial, pois houve investimento de capital. Analisados os roteiros turísticos sob o modelo de Miossec (1977), confirma-se que os ritmos de evolução dos destinos turísticos são diferentes. Cada um desenvolve características de acordo com a relação entre os agentes promotores do turismo e a organização da oferta.

Outros fatores podem ser considerados como determinantes. Bento Gonçalves vem investindo há mais de 20 anos na oferta em turismo. Recebe boa parte dos turistas que recebem como uma oferta complementar ou secundária de Gramado e Canela. Dessa maneira, absorve boa parte do fluxo da Serra Gaúcha, da região das Hortênsias que estende para a região Uva e Vinho. Soma-se a outras ofertas como do Trem Maria Fumaça (entre Bento Gonçalves, Garibaldi

e Carlos Barbosa), dos eventos realizados, da qualidade dos vinhos, dos espumantes, da gastronomia, da hospitalidade, do artesanato e de produtos coloniais, o que ocorre majoritariamente nos espaços rurais. Para os agricultores familiares, o turismo é uma atividade que permite a manutenção da estrutura de trabalho familiar, aumentando a possibilidade de ganhos; enquanto que para os empresários, o turismo é uma diversificação de negócio que pode se tornar o principal, com ou sem família envolvida, dependendo da dimensão que adquire.

Observou-se que vinícolas bem posicionadas no mercado e presentes nos roteiros não necessitariam da presença de seus proprietários ou familiares no atendimento. Porém observa-se que, ao serem indagados sobre isto, os empresários que atuam diretamente no atendimento afirmam que perceberam que os turistas preferem ser atendidos pelos proprietários, compram mais e se tornam fiéis à marca.

Os empreendedores dos dois roteiros têm o orgulho de serem proprietários e agentes, em uma transformação visível em sua atividade com a incorporação de novos produtos e valores a estes produtos. Pode-se observar um grande paradoxo destes entre pertencentes a dois sistemas: uma sociedade que mantém características de uma sociedade tradicional e costumes rurais, que contrapõe ao meio urbano. Os fortes traços de conservadorismo se influenciam pelo modo de produção capitalista, como afirma Weber (2011).

O agricultor familiar vive a modernização-urbanização, que tem na atividade do turismo um dos indutores, ainda é proprietário de um meio de produção, a terra, integrando o sistema produtivo da sociedade pós-industrial, na qual está o turismo. O conservadorismo da família, das suas tradições diversas contrapõe a produção monopolística inerente dos vinhos finos, da alta gastronomia e do turismo, que se soma ao marketing e ao comércio digital. Os dados de fluxo existentes são disponíveis pelos controles das associações ou de equipamentos isolados, o que impõe limites à presente pesquisa, embora análises recentes do BigData desenvolvido por contato pelo Sebrae-RS supram algumas carências como apontadas.

8 Considerações finais

Algumas questões são marcantes ao avaliar os dois Roteiros. São projetos com características diferentes e resultados diferentes. Neles observa-se que se a consolidação se faz

por forças verticais, muitas vezes definidas por características monopolísticas vinícolas (Vale dos Vinhedos), ou seu sucesso está nos arranjos horizontais de seus atores e sua governança (Caminhos de Pedra).

As memórias descritas por seus empreendedores e outros atores locais, definem claramente as transformações de produtor de uva, após geração, em empresários do setor vitivinícola e do turismo, com presença no cenário nacional. Assim, no Vale dos Vinhedos a formação do Roteiro se sobressai a de aglomerado produtivo de lazer, vinculado à gastronomia e à vitivinicultura.

Por vez, atualmente, novas escalas desafiam o Roteiro Caminhos de Pedra, embora sua característica inicial de um empreendimento consorciado entre os empresários do percurso esteja ainda presente. Estas características apontadas são marcantes e mensuráveis por dados quantitativos. São dados colhidos entre entrevistas, convívios, reconhecimento das mudanças territoriais, observação das múltiplas apropriações do visitante, muitas vezes não marcada como procedimento de pesquisa, mas essencial para o entendimento por uma visão maior que o simples recorte definido.

Assim, a pesquisa não desprezou olhares, a hospitalidade no acolhimento, afetos, ambições dos empreendedores demonstradas em expressões subliminares e distantes em julgamentos positivistas e quantitativos. Afinal, a atividade turística é o entendimento e o embate entre uma sociedade receptiva, seu território, sua hospitalidade e sua apropriação por diversas pessoas e grupos. Expectativas e situações que sim exigem do pesquisador uma distância, mas não uma frieza no acolhimento para o reconhecimento dos dados e da informação.

Tem-se, assim, dois modelos de Rota/Roteiro Turístico. Um modelo que busca sua sustentação no alto capitalismo, como diria o professor Milton Santos, amparando-se no circuito superior do capitalismo, e outro na solidariedade dos seus atores envolvidos.

Referências

APROVALE - ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE VINHOS FINOS DO VALE DOS VINHEDOS. 2006. Disponível em: www.valedosvinhedos.com.br/vale/index.php. Acesso em: 14 jan. 2007.

BENI, M. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Editora Senac, 2007.

BENTO GONÇALVES. **Lei Complementar n. 200**. Dispõe sobre a ordenação territorial do município de Bento Gonçalves e sobre a política de desenvolvimento municipal e de expansão urbana, aprova o plano diretor municipal e dá outras providências. Disponível em: http://ipurb.bentogoncalves.rs.gov.br/uploads/downloads/Lei_Complementar_200.pdf Acesso em: 12 jan. 2021.

BOULLÓN, R. **Planificación del espacio turístico**. 3º ed. México: Editorial Trillas, 1997.

BRAMBATTI, L. E. **Racionalização, cultura e Turismo**. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil, 2016.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Diretrizes para o desenvolvimento do turismo rural no Brasil**. Brasília - DF, 2005.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Rede de cooperação técnica para a roteirização**. 2ªed. Ministério do Turismo, Sebrae Nacional, Senac Nacional, Braztoa, Instituto Marca Brasil. Brasília - DF, 2007.

BRUSADIN, L. B. O estudo da Hospitalidade (...). **Revista de Hospitalidade**. São Paulo, v. 13 (2), p. 242-247, agosto de 2016.

CAMARGO, L.O. de L. Os domínios da hospitalidade. In. **Hospitalidade: Cenários e oportunidades**. São Paulo : Pioneira Thomson Learning, 2003.

CASTELLS, M. A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. **A sociedade em Rede: do conhecimento a ação política**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2005, p. 17-30.

CÉSAR, P. A. B. **Turismo e Desenvolvimento Sustentável**. Caxias do Sul: EDUCS, 2011.

CÉSAR, P. A. B. Roteiros turístico-culturais na Serra Gaúcha (RS-Brasil): escolha e formação dos percursos e seu apelo histórico memorial. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 10, n. 3, set.-dez. 2016, p. 416-434. DOI: <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v10i3.1042>

CÉSAR, P. A. B. Procesos de transformaciones territoriales del Vale dos Vinhedos - Bento-Gonçalves - Brasil. **Estudios y Perspectivas en Turismo**. v. 28, p. 354-371, 2019. Disponível em: www.researchgate.net/publication/335402398_Procesos_de_transformaciones_territoriales_del_Vale_dos_Vinhedos_-_Bento-Goncalves_-_Brasil/link/5d64077e458515d610262247/download. Acesso em: 04 fev. 2021.

CÉSAR, P. A. B.; MARCOLIM, M. C. Fest and Urban Space: Festa da Uva in its Relationship with the City of Caxias do Sul-RS (Brazil). **Revista Rosa dos Ventos: Turismo e**

Hospitalidade, v. 9, n. 4, p. 537-556, set. 2017. DOI:
<https://doi.org/10.18226/21789061.v9i4p537>

CHRISTALLER, W. Some considerations of tourism location in Europe: The peripheral regions-under development countries-recreation areas. **Papers in Regional Science**, v. 12, n. 1, p. 95–105, 1964. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1435-5597.1964.tb01256.x>

COSTA, G. M.; COSTA, H. S. de M.; MONTE-MÓR, R. L. de M. (orgs). **Teorias e práticas urbanas: condições para a sociedade urbana**. Belo Horizonte: C/Arte, 2015.

DINIZ, C. C. Repensando a questão regional brasileira: tendências, desafios e caminhos. In: CASTRO, A. C. (org.). **Desenvolvimento em debate**. Painéis do desenvolvimento brasileiro – II. Rio de Janeiro: MAUAD / BNDES, p. 239-274, 2002. Disponível em:
https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/13900/1/Repensando%20a%20quest%C3%A3o%20regional%20brasileira.%20Tend%C3%Aancias,%20desafios%20e%20caminhos_P.pdf

FALCADE, I. **Indicações geográficas: o caso da região com indicação de procedência Vale dos Vinhedos**. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005. Disponível em: www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7364. Acesso em: 25 jan. 2021.

FÁVERO, I. M. R. **O planejamento turístico e sua influência na competitividade do destino turístico: O caso de Bento Gonçalves – Serra Gaúcha**. 2011. Dissertação (Especialização em Gestão Pública Municipal) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71752/000874216.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 jan. 2021.

FOLETTI, S.; THOMÉ-ORTIZ, H.; SANTOS, E. O.; GONZÁLEZ, N. A. A. Fatores que interferem no desenvolvimento do turismo sustentável no espaço rural do roteiro turístico Vale dos vinhedos, de Bento Gonçalves/RS – Brasil. **Gestão e Desenvolvimento**. v. 14, n. 2, p. 204-222, jul./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.25112/rgd.v15i2.1252>

GONÇALVES, L. G. M.; RIBEIRO, R. M. (2016). Rotas e Roteiros: desafio para uma nova conceituação. **Caderno de Estudos e Pesquisa do Turismo**, v. 5, n. 7, p. 4-18, 2016. Disponível em: www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/turismo?dd1=16119&dd99=view&dd98=pb. Acesso em: 18 jan. 2021.

HARVEY, D. **Espaço de esperança** 3ªed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

JONG. G. M. **Geografía, método regional y planificación**. Buenos Aires: Catalogos, 2009.

LAVANDISKI, J.; TONINI, H. & BARRETTO, M. Uva, vinho e identidade cultural na Serra Gaúcha (RS, Brasil). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 6, n. 2, p.

216-232, maio/ago. 2012. Disponível em: www.rbtur.org.br/rbtur/article/view/529/568. Acesso em: 12 fev. 2021.

LEFEBVRE, H. **De lo rural a lo urbano**. Barcelona: Ediciones Península, 1975.

MIOSSEC, J. Un modèle de l'espace touristique. **L'Espace Geographique**, v. 6, n. 1, p.41-48, 1977. Disponível em: www.persee.fr/doc/spgeo_0046-2497_1977_num_6_1_1690. Acesso em: 23 jan. 2021.

NOVAES, M. H. Turismo rural em Santa Catarina. **Revista Turismo em Análise**, v, 5, n. 2, p. 43-50, 1994. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v5i2p43-50>.

PETROCCHI, M. **Gestão de Pólos Turísticos**. São Paulo: Futura, 2001.

POSENATO, J. **Imigração Italiana**: Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul (Coleção Assim vivem os Italianos, vol. 4). Porto Alegre: Est-Educ, 1983.

POSENATO, J. **Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1997.

POSENATO, J. **Caminhos de Pedra**: Projeto de Resgate da Herança Cultural. Bento Gonçalves, 1998. Disponível em: http://ipurb.bentogoncalves.rs.gov.br/uploads/downloads/PD_Anexo_7.4_PE_Projeto_Cultural_Caminhos_de_Pedra_.PDF. Acesso em: 28 jan. 2021.

SALLES, M. M. G. **Turismo rural**: inventário turístico no meio rural. Campinas: Alínea, 2006.

SASSEN, S. The Global City: Strategic Site/New Frontier. **American Studies**, v. 41, n. 2/3, p. 79-95, 2000. Disponível em: www.jstor.org/stable/40643231. Acesso em: 3 jan. 2021.

SEBRAE-RS. **Pesquisa de fluxo turístico de Bento Gonçalves**: 2019. Relatório Big Data: Luca Tourism. Bento Gonçalves: 2019.

SILVA, M. F. da. **Turismo rural, agricultura familiar e comunidade**. Santa Maria: EdFacos, 2005.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Editora, 2013.

SPOSITO, E. S. Sobre o conceito de território: um exercício metodológico para a leitura da formação territorial do sudoeste do Paraná. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. **Território e Desenvolvimento**: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

TALAMINI, J. P. **Reabilitação de conjuntos históricos rurais através do turismo**: o roteiro Caminhos de Pedra em Bento Gonçalves / RS. Porto Alegre: Dissertação Mestrado. FAU-UERGS, 2011. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/107530> Acesso e,: 12 de jan. 2021.

TOMAZZONI, E. L.; POSSAMAI, A. M.; LOVATEL, R. Turismo no município de Bento Gonçalves (RS): Análise do desenvolvimento de um destino indutor no Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 4, n. 2, p. 5-30, maio-ago. 2010. Disponível em www.redalyc.org/pdf/5041/504152249002.pdf. Acesso em: 21 jan. 2021.

TULIK, O. **ABC do Turismo Rural**. 2ªed. Barueri-SP: Aleph, 2004.

WEBER, Max. **Ciência e Política**: duas vocações. São Paulo: Contrix, 2011.

Artigo recebido em: 16/04/2021

Avaliado em: 20/02/2022

Aprovado em: 29/08/2022